

Só Mesmo Caipora...

Armando de Rezende

— Se Jesus disse "não matarás", por que é que o senhor tem uma garrucha?

Abraâmicamente sentado em sua cadeira de balanço, o pai pitava seu cachimbo de barro.

— Ora, porque tem gente que não segue o mandamento.

— Aí o senhor também não segue, pra mór de não ficar pa trás?

O pai admirou o rosto trigueiro do filho, de pé ao seu lado, as sardas e o cabelo arrepiado de menino sapeca. Seu coração se enterneceu. Deu-lhe um belo cascudo.

— Mas deixe de ser tonto! Pois eu só fico desobrigado de observar o mandamento na ocasião de um marfeitor estar prestes a desobedecer primeiro. — E depois de um pito sossegado: — Quem mata o bandido pra sarvá o inocente fica perdoado.

Com um peteleco, o menino atirou para longe um inseto que lhe subia pelo braço. Depois, voltou-se para o pai:

— E isso vale pra outros mandamentos ou só pra esse mesmo?

— Vai caçar o que fazer, dianho!

E o menino partiu buliçoso, já distante de qualquer questão de natureza teológica.

A tarde caía sem pressa, com a virtuosa preguiça de quem não deixou serviço pendente, e o céu começava a se pintar, convidando as maritacas a mostrarem elas também

o seu talento. À sombra da varanda, o pai pitava e admirava os filhos fazerem algazarra no terreiro. Devidamente acompanhados pelos cachorros, os meninos corriam, pulavam, batiam e agarravam. O terceiro, que tinha a mania de vir com perguntas repentinas, dessas que dão sarna na gente, quando junto dos irmãos era só um curumim. O pai coçava a barba e se perguntava se havia sido muito duro quando soube que o menino, para escapar de um bando de badernistas, viera com uma conversa de que o padre disse que quem bate em coroinha o Coisa-Ruim carrega. Riu até tossir.

A gritaria dos moleques e a poeira levantada eram Deus lhe dizendo que, apesar dos pesares, não se esquecera dele. Fechou os olhos e rezou. Enquanto não tornou a abri-los, era ele mesmo um menino, fazendo folia pelos terreiros e matas, trepando na jaqueira, catando tanajura e pulando no ribeirão. Lembrou-se do riso banguela do irmão e de como, para eles, tudo nesse mundo era troça, desafio ou empreita fantástica, inocentes das tiranias da vida. Mas esses tempos se foram, e o que restou foi dar aos filhos alguns anos de sonho antes que lhes cresçam as barbas. Doía-lhe saber que seu irmão logo seria incapaz de fazer o mesmo pelos seus, tudo por causa daquele dotorzinho de meia-tigela.

— Excomungado...

Chamou-lhe a atenção um sabiá que, dependurado de cabeça para baixo, trabalhava em seu ninho, cuidadosamente instalado numa ripa do telhado. O que seria do irmão sem sua terrinha? Seria mais um a buscar a cidade, a meter-se num cortiço e a passar os dias erguendo edifício ou batendo ferro em fábrica enquanto a mulher lava roupa — até que lhes faltem as forças e acabem na sarjeta. Ele sabia muito bem que na cidade grande os meninos saem para engraxar e nunca mais voltam.

Era isso, não havia o que fazer. Sem demora, o juiz haveria de encerrar a demanda, e já estava tudo armado para o salafrário tomar a terra suada de seu irmão, comprada com tanta batalha e cultivada com tanto esmero. Era preciso lutar — disso o pai sabia —, mas como é que dois jecas dariam conta de fazer frente a um bacharel? O patife tinha nas mãos papel timbrado e carimbado atestando que a terra fora adquirida de um Coronér Não-sei-das-quantas. E eles? Nas mãos, não traziam senão calos de um sem-fim de dias empenando as costas pra tornar farta a mesa do brasileiro.

Como se não chegasse de falcatruas, tinha ainda o tar do rábula que o irmão arranjava em Santo Amaro, com aquela escritura amarela de grilo, pra alegar que a terra estava na família desde o tempo de D. Pedro. A raposa velha garantiu que a questão se resorvia — tão certo como os dentes caem. O pai cuspiu pra longe e pitou seu cachimbo. E, por cima de tudo, o dianho ainda mandou o irmão vir lhe pedir que confirmasse a lorota na frente do juiz, com a mão nas Escrituras.

—Só mesmo caipora pra puxar tapete de saci!

A mãe apareceu na varanda com o caçula nos braços e gritou para os meninos matarem um frango. A pequerrucha, que mal falava, trouxe para o pai um chá de capim-santo, enrolado num pano para não lhe queimar as mãozinhas. O pai pegou a caneca e beijou a filha, que abrigou-se das cócegas no vestido da mãe, de onde espiava o pai e ria com todo o seu corpinho. Depois de afagar por um minuto o marido, a esposa o beijou e entrou.

Sozinho, o pai deu um gole no chá e um pito no cachimbo, apreciando os meninos a espreitarem um frango que ciscava distraído.

—Só mesmo caipora...